

**NARRATIVA E VIDA SOCIAL - ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA DA  
VIOLÊNCIA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE  
ADOLESCENTES**

Orientanda: Ana Caroline Siqueira Braga  
Orientadora: Liliana Cabral Bastos

Relatório Anual

2010 – 2011

## **1. Introdução**

Neste relatório serão descritas as atividades realizadas no período de agosto de 2010 a junho de 2011 no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) do qual faço parte.

Após o período de aprofundamento teórico e coleta de dados para fundamentação da pesquisa, concentrei-me no trabalho de transcrição de dados com base na análise da conversação etnometodológica (Gumperz, 1982) e nas convenções dos estudos de Análise da Conversação (Sacks, Schegloff e Jefferson, 1974), incorporando símbolos sugeridos por Schiffrin (1987) e Tannen (1989)<sup>1</sup>.

Neste trabalho, tomo com principal objetivo explicitar a análise de dados realizada durante o primeiro semestre de 2011 a fim de alcançar os objetivos propostos no início da pesquisa, a saber: contribuir para os estudos acerca de narrativa, compreender o que acontece nos contextos de violência e compreender como tais experiências constroem o sentido de quem são esses jovens.

Escolhi, dentre as narrativas obtidas em situação de entrevista, a narrativa de uma adolescente de 14 anos chamada Cris<sup>2</sup>. A jovem em questão é moradora de uma comunidade de risco do bairro de Santa Teresa/Rio de Janeiro e é participante do projeto “Badalando a Cidadania”, desenvolvido no Grêmio Recreativo Badalo.

## **2. Atividades desenvolvidas**

Em 2010.2, fiz minha primeira apresentação no Seminário Anual do PIBIC onde pude especificar os objetivos que pretendo alcançar no término desta pesquisa. Em seguida, participei da IV Jornada de Estudos do Discurso (JED) organizada pelo G-NIT, grupo de pesquisa na área de Estudos da Linguagem do Programa de Pós-graduação da PUC-Rio, coordenado pela Profa. Liliana Cabral Bastos, minha orientadora. O referido evento aconteceu nos dias 30 de setembro e 1º de outubro em que colaborei na organização do evento junto com os mestrandos e doutorandos do curso de Pós-Graduação em Letras.

Durante esse período, também participei dos encontros quinzenais do grupo G-NIT que me ajudaram a aprofundar meu embasamento teórico e a escolher a entrevista utilizada neste trabalho para análise de dados.

---

<sup>1</sup> Item 6 - Convenções de transcrição.

<sup>2</sup> Nome fictício.

A escolha da entrevista com a adolescente Cris se deu a partir da proposição instituída por Labov (*apud* Bastos, 2004) de que a distinção entre um relato e uma narrativa se dá, entre outras coisas, pelo fato de ela remeter a um acontecimento específico e não a hábitos recorrentes. Das entrevistas realizadas, duas apresentaram fragmentos que podem ser identificados como narrativas a partir desse critério. Contudo, apenas 1 pode ser transcrita com total clareza, pois seu áudio, diferentemente da outra, se encontra em boas condições.

Ressalto que as pressuposições teóricas e metodológicas adotadas se baseiam na perspectiva da Sociolinguística Interacional, que combina instrumentos da análise da conversação com elementos de natureza etnográfica.

Em 2011.1, finalizei a tarefa de transcrição da segunda entrevista e iniciei o processo de análise de dados<sup>3</sup>. A entrevista da adolescente Cris tem 17 minutos de gravação e foi realizada em uma sala no Grêmio Recreativo Badalo. Eu e a estudante de graduação Anne Araújo<sup>4</sup> entrevistamos a jovem e conversamos sobre tópicos corriqueiros como família, escola, bairro e amigos.

### **3. O projeto**

#### **3.1. Proposições de trabalho e considerações teóricas**

No que diz respeito à narrativa, tomo como visão orientadora os estudos de William Labov que é considerado um dos fundadores da Sociolinguística. Seu trabalho trouxe inúmeras contribuições para pesquisas na área dos Estudos da Linguagem e para outras áreas do saber que tem como interesse os estudos acerca de narrativa.

Para o autor, a narrativa é “um método de recapitulação da experiência passada em que se liga uma sequência verbal à sequência de eventos que de fato ocorreram”. Além disso, Labov (1972) afirma que a narrativa deve apresentar um ponto que é “a sua razão de ser, é o motivo pelo qual ela é contada, o que está contido em sua mensagem central”. A narrativa laboviana apresenta as seguintes características estruturais:

- Abstract (ou sumário): resumo da história no início da narração;
- Orientação: identificação de lugar, tempo, pessoas e situação;
- Ação complicadora: a ação propriamente dita (a sequência de ações no passado);

---

<sup>3</sup> Item 4 – Análise de dados.

<sup>4</sup> Anne Araújo, aluna da graduação de Letras da Puc-Rio, me ajudou no período em que iniciei a gravação dos dados para minha pesquisa. No referido período, a aluna era bolsista FAPERJ e também desenvolvia uma pesquisa sob a orientação da professora Liliana Cabral Bastos.

- Avaliação: indicação do ponto e do clima emocional da narrativa;
- Resolução: referência sobre o desencadear da situação;
- Coda: observações gerais sobre o efeito dos eventos do narrador, marca de finalização da narrativa.

Embora Labov tenha sido o pioneiro nos estudos desta área, outros trabalhos a respeito de narrativa têm buscado rever criticamente o modelo laboviano. Bastos (2005) afirma que as narrativas são também um modo de compreender as relações sociais, pois “tanto ao falar sobre experiências passadas, quanto ao contar histórias específicas, os indivíduos estão co-construindo, ao mesmo tempo, o sentido de quem são e o sentido do mundo que os cerca.”

Compreendo, desta forma, que os estudos de narrativa podem contribuir significativamente para a discussão atual sobre as identidades sociais uma vez que tais estudos estão inter-relacionados. Tal relação pode ser explicada pelo fato de que os indivíduos ao construírem o sentido de quem são, eles constroem também suas identidades, tornando-as “negociáveis, dinâmicas e em constante transformação”, como afirma Bauman (2004). Diversas áreas de estudo buscam compreender até que ponto essas identidades são “negociáveis” e quais são os fatores que interferem na sua construção.

Acredito que tal enfoque pode ser atribuído “as mudanças culturais, sociais, econômicas, políticas e tecnológicas que estão atravessando o mundo e que são experienciadas, em maior ou menor escala, em comunidades locais específicas” (Moita Lopes, 2003). Tais mudanças afetam não só a vida em comunidade, mas também a vida pessoal e, conseqüentemente, a construção da identidade desses adolescentes moradores da comunidade de risco.

Para que seja possível conhecer as novas visões de mundo que emergem desse contexto, é necessário definir o que se entende por violência. De acordo com Zaluar (1999),

violência vem do latim *violentia*, que remete a *vis* (força, vigor, emprego de força física ou os recursos do corpo em exercer a sua força vital). Esta força torna-se violência quando ultrapassa um limite ou perturbar acordos tácitos e regras que ordenam relações, adquirindo carga negativa ou maléfica.

Pretendo compreender como os episódios de violência se refletem na construção identitária desses jovens e quais são as implicações dessas experiências em zonas de conflito.

## 4. Análise de Dados

### 4.1. Cris: breve panorama

A adolescente entrevistada tem 14 anos e mora no bairro de Santa Teresa. Durante a entrevista, Cris conta que já havia participado do projeto “Badalando a Cidadania”, mas que saiu quando o professor que dava aula de dança foi substituído. Depois de algum tempo, ela voltou a participar do projeto porque sentiu falta das aulas.

Cris fala um pouco sobre sua escola e diz que acha as aulas chatas porque seus colegas de classe são desinteressados e gostam de fazer bagunça durante as aulas. Em seguida, a aluna Anne pergunta a Cris o que ela acha do bairro onde mora e a jovem diz que lá é um bom lugar para se morar porque é “perto de tudo” (linha 57)<sup>5</sup>.

Como já havíamos entrevistado outra adolescente antes de conversar com a Cris, comentamos que a primeira menina tinha nos contado que achava o bairro perigoso porque uma vez presenciou um tiroteio. A adolescente, então, começa a contar alguns episódios de violência que ela presenciou.

### 4.2. Análise

#### Episódio 1 “A bala desceu e atingiu o ombro dela”

	75 76 77	Anne	E vem cá, ela falou que <u>lá</u> uma vez uma amiga dela levou um tiro no pé. Nu/num tiroteio a bala caiu, bala perdida sabe? E você já passou >por/já aconteceu com alguém que você conhece?<
X	78 79 80	Cris	não, a minha amiga que mora na/na Paula Mattos, uma das ruas assim (transversais) com a Paula Mattos, o prédio dela é <u>bem embaixo assim</u> e conseguiu, ela levou um tiro aqui no:/no ombro.
	81	Ana	Ela tava dentro de casa e:=
X	82 83 84	Cris	Tava no prédio. O prédio dela é uma casa na frente, aí o prédio dela você desce e é o prédio. Aí ela tava brincando embaixo, a bala desceu e atingiu o ombro dela.
	85	Anne	E aí?
	86 87 88	Cris	Aí, só que ela não sentiu, ela continuou brincando, depois que foram ver que tava um cheiro de queimado aí começou a sangrar (.) aí levaram ela no médico. Até hoje ela tem a bala, >°não pôde tirar.°<
	89	Anne	Mas afetou:=
	90	Cris	Não
	91	Anne	E como é que/ ela é sua amiga. E como é que °você se sentiu°?
X	92 93 94 95	Cris	<u>Na hora, porque na época</u> eu não era muito amiga dela, eu tava meio afastada. Não senti muito não, eu tava até com o pai dela no dia do tiro, que a gente tava num bloco e aí a mãe dela veio desesperada correndo °pra levar ela no médico.°

<sup>5</sup> A transcrição da entrevista segue em anexo.

O episódio 1 foi identificado como uma narrativa por apresentar as características estruturais definidas por Labov. Cris inicia a narrativa dizendo quem são os participantes (ela, a amiga e a família), onde o fato ocorreu (na rua Paula Mattos) e, em seguida, diz resumidamente o que aconteceu, ou seja, o que ela deseja contar. Utilizando os termos labovianos formais, é possível dizer que Cris inicia sua fala com uma orientação (Linhas 78-79) e com a indicação do abstract (linha 80) da narrativa.

Nas linhas 82-84 ela dá uma nova orientação e apresenta as ações complicadoras que se iniciam no trecho “a bala desceu e atingiu o ombro dela...” (linhas 84-88). Cris faz uma breve observação sobre o efeito desse evento no final da linha 88 ao dizer que “até hoje ela (a amiga) tem a bala, não pode tirar”.

Por último, ao ser questionada sobre como se sentiu ao saber que sua amiga tinha sido vítima de uma bala perdida, Cris faz uma avaliação co-construída do episódio narrativo (linhas 92-93). A avaliação é co-construída por ela e pela aluna Anne, pois Cris relatou como se sentiu (clima emocional) a partir de uma pergunta feita anteriormente.

### Episódio 2: “O garoto passou e assaltou”

	224	Anne	Ah:, entendi. É coisa de: ser humano né, <o ser humano faz isso.> E deixa eu te falar, você falou que a sua escola é tranqüila né? E o bairro você falou que é/é, a Augusta falou também, mas disse (também) que tem muito assalto. Você já foi assaltada?
	225		
	226		
	227		
	228	Cris	Não.=
	229	Anne	Nunca?=-
X	230	Cris	Mas eu tenho muitas amigas que foram.
	231	Anne	E aí, como foi isso?
X	232	Cris	<u>Aí</u> ela, é:- eu tive uma amiga que ela ta-/mora perto do/do morro mas
X	233		ela tava longe no dia, aí o garoto passou e assaltou, só que ela não
X	234		sabia se ele tava armado ou não, então ela preferiu entregar tudo,
X	235		>entregou< celular e essas coisas. <u>Aí</u> todo mundo fica meio que
	236		assustado né, ficar andando assim na rua de noite e °ser/ser assaltado.°
	237		( )

É possível encontrar no segundo episódio os mesmos elementos formais da narrativa anterior. Cris novamente relata uma situação de violência vivida por uma amiga no bairro onde moram. Sua narrativa se inicia com um abstract (linha 230), seguida de uma orientação (linhas 232-233) e das ações complicadoras (linhas 233-234) – “só que ela não sabia se ele tava armado ou não”.

No mesmo turno de fala, linhas 234-235, Cris fala qual foi a resolução do episódio narrativo e finaliza com uma coda (linhas 235-237) que possui o valor de uma lição moral não só para Cris, mas para todos moradores que convivem com o perigo de serem assaltados.

Entendo que os episódios 1 e 2 podem ser classificados como narrativas que tematizam a questão da violência porque nos dois casos Cris relata experiências de assalto e tiroteio, acontecimentos que perturbam as regras necessárias para que esses moradores possam viver de forma tranqüila e segura.

As narrativas descrevem situações que poderiam resultar em morte, pois no primeiro caso a bala perdida atingiu a amiga de Cris e no segundo o assaltante poderia estar armado e atirar na vítima. De acordo com a definição utilizada por Souza (2007), a violência vivenciada por essas pessoas é a chamada violência criminal e pode provocar sérias conseqüências para vida pessoal e social.

Nos trechos a seguir, a adolescente Cris afirma que não gosta de sair de casa quando ocorrem tiroteios (linhas 112-113) e diz que os assaltos deveriam ser controlados pela polícia (trecho 2).

Trecho 1

110 111	Ana	aí você fica com medo desses tiroteios que tem porque aconteceu uma bala perdida com a sua amiga, você tem medo de:=
112 113	Alice	não, eu não gosto muito é de sair de casa quando tem tiroteio...

Trecho 2

272 273 274	Ana	Porque eles meio/eles controlam né, então <vocês têm que fazer de acordo com eles>. Entendi. E:: <u>a polícia</u> ? Tem polícia aqui perto, eles não tomam conta, não ligam pros assaltos, ninguém faz nada?=-
275 276 277 278	Alice	<u>Ué</u> , <u>chama</u> a polícia, mas não muda muito, fica assim um tempo:: sem assaltar: e <u>aí</u> daqui a pouco volta: tudo de novo. ( ) porque a polícia também não ta dando muito jeito aqui em cima.
279	Ana	É, se a polícia não tá dando jeito, você acha que: tem jeito?
280 281	Alice	<u>Não</u> , eu acho que eles tinham que arrumar um plano melhor para redividir mais as viaturas, (controlar-) controlar mais os assaltos.

Além disso, ela atribui tais problemas a questão do tráfico e das facções, dizendo que se o tráfico acabasse a qualidade de vida iria melhorar já que os assaltos tem como motivo principal aquisição de dinheiro para sustento do vício (linhas 290-292).

284 285	Alice	<u>Acho</u> - acho porque até- tem muitas pessoas que estão morrendo por causa do °vício, não acho legal.°
286	Anne	°(O que você acha dessa relação do tráfico com os viciados e com

	287		bairro?)°
	288	Alice	Acho isso ruim porque ( ) os viciados por terem esse vício acabam
	289		acabando com a sua própria vida e tentando acabar com a dos outros
	290		né. >Porque tipo eles começam a <u>assaltar</u> também< pra ter/ pra
	291		comprar <u>as drogas e tal...</u> aí:: eles acabam mexendo com a vida das
	292		outras pessoas também.

### Episódio 3: “As pessoas não tem seu livre-arbítrio”

	252	Ana	É, e você tem muitos amigos que são tipo da outra
	253		facção?
X	254	Cris	Eu tenho muitos amigos que moram em morros separados, aí é meio
X	255		difícil de conviver. >Tem que conviver assim< <u>tipo</u> indo pro
X	256		shopping, porque a gente até, tipo, eu tenho umas amigas, lá na
X	257		escola, >é muito dividido essas coisas,< então todo mundo é amigo de
	258		todo mundo, só que aí: <u>ah</u> , você pode ir na minha casa porque mora
	259		no lugar tal, não pode ir na/casa do outro porque mora no outro
X	260		lugar, aí tem que conviver mesmo saindo assim, [indo pro shopping=
	261		
	262	Ana	[Pode ser longe <u>né</u> ,
	263		não pode ser [ <u>aqui</u> ]. Aqui uma não pode=
	264	Cris	[É ] É porque às vezes os bandidos olham e pensam
	265		que:/ que a gente (tá) conspirando e tal.
	266	Ana	E:: você acha que- <u>isso</u> >atrapalha muito,< que: interfere assim?=-
X	267	Cris	É,
	268		eu acho ruim por causa que pô, as pessoas não tem seu °livre-arbítrio,
	269		não podem ir e vir e tal°. <u>Ah</u> , eu quero ir na casa da minha amiga só
	270		não posso porque ela mora num morro diferente do meu e tem outra
	271		facção ( )

Cris inicia sua narrativa com uma orientação (linha 254) e com um abstract (linhas 254-255). Nas linhas 257-261, ela apresenta uma sequência verbal que não está no passado como determina o modelo de narrativa instituído por Labov. ~~No entanto~~, Pesquisadores atuais têm procurado rever criticamente tal modelo, pois acreditam que a narrativa não é apenas um método de recapitulação da experiência passada, mas também uma forma discursiva que ordena temporalmente eventos, quer estejam no passado, presente ou futuro. Aqui podemos identificar a seguinte ordenação: (i) “amigos não podem ir na minha casa”, (ii) “temos que ir para o shopping”. Essa sequência é habilmente introduzida através de um diálogo construído.

Na linha 261, Cris diz a resolução da narrativa, que é também o 2º momento da sequência temporal, e finaliza com uma coda (linhas 267-269).

## 5. Conclusões

Em 17 minutos de entrevista, a adolescente Cris nos relata três histórias que falam de seu cotidiano em um território de violência. Fala de assalto, tiroteio e controle de sua vida pessoal por organizações criminosas. Nas histórias, ela não é a vítima direta do assalto e da bala perdida, mas fala de como suas relações pessoais são controladas pelo tráfico. Além disso, é possível notar que a adolescente não banaliza os problemas existentes na comunidade onde vive.

Na verdade, Cris acha que eles deveriam ser solucionados e chega a apresentar uma medida para isso. Quando a adolescente afirma que o número de viaturas policiais deveria aumentar (linhas 280-281), ela expõe sua opinião de que o governo não tem tomado medidas que garantam a segurança da população e, com isso, os traficantes têm controlado a vida dos moradores da comunidade.

Os trechos descritos na análise de dados possuem como ponto da narrativa reafirmar os problemas e perigos sofridos pelos moradores dessa comunidade de risco. Além disso, a análise da narrativa de uma adolescente participante de episódios de violência me permitiu observar como ela constrói os sentidos da sua vida familiar, escolar e social, como tais episódios ecoam na sua narrativa e na construção de sua identidade e como é o contexto social vivido por ela e pelos moradores dessa comunidade de risco.

## 6. Convenções de transcrição

...	pausa não medida
.	entonação descendente ou final de elocução
?	entonação ascendente
,	entonação de continuidade
-	parada súbita
=	elocuições contíguas, enunciadas sem pausa entre elas
<u>sublinhado</u>	ênfase
<b>MAIÚSCULA</b>	fala em voz alta ou muita ênfase
<sup>o</sup> palavra <sup>o</sup>	palavra em voz baixa
>palavra<	fala mais rápida
<palavra>	fala mais lenta
: ou ::	alongamentos
[	início de sobreposição de falas
]	final de sobreposição de falas
( )	fala não compreendida
(( ))	comentário do analista, descrição de atividade não verbal
“palavra”	fala relatada, reconstrução de um diálogo
hh	aspiração ou riso
↑	subida de entonação
↓	descida de entonação

## 7. Referências Bibliográficas

BASTOS, Liliana Cabral. “Narrativa e vida cotidiana” *Scripta* vol. 7, no. 14, 2004. p.118-127.

\_\_\_\_\_. Contando estórias em contextos espontâneos e institucionais – uma introdução ao estudo da narrativa. **Calidoscópio**, v.3, n.2, 2005.

BAUMAN, Zygmund. **Identidade**. Rio de Janeiro, Zahar, 2004.

GOFFMAN, Ervin. A situação negligenciada. In RIBEIRO, Branca T&GARCEZ, Pedro (org) **Sociolinguística Interacional**. São Paulo, Edições Loyola, 2002 [1964].

GUMPERZ, John J. **Discourse strategies**. Cambridge, Cambridge University, 1982.

LABOV, W. The transformation of experience in narrative syntax. In LABOV, W. **Language in the inner city**. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1972.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. Introdução. Socioconstrucionismo: discurso e identidades sociais. In: ---. *Discursos de Identidade*. Campinas, Mercado de Letras, 2003.

SOUZA, Edinilsa Ramos de (org). **Bases conceituais e históricas da violência e setor saúde**. Rio de Janeiro, Edição Ministério da Saúde, 2003.

ZALUAR, Alba, “Um debate disperso: violência e crime no Brasil da redemocratização” São Paulo em Perspectiva. Revista da Fundação Seade. 13 (3). 1999.

# **ANEXOS**

Transcrição da entrevista com a adolescente Cris (15 de julho de 2010)

1	Ana	Então, qual/qual o nome não, quantos anos você tem, Alice?
2	Alice	°14°.
3	Ana	14? Você mora aqui em Santa Teresa?
4	Alice	°Moro.°
5	Ana	Aqui na/na Paula Mattos?
6	Alice	Não, na rua Andina
7	Ana	AH, você mora perto da: da Augusta, né?=-
8	Alice	[É, perto da Augusta
9	Anne	[Ah, legal.
10	Ana	E você faz o que aqui no Badalo, dança?
11	Alice	°Danço°
12	Anne	((risos))
13	Ana	E você está há quanto tempo aqui?
14	Alice	Não/não tem muito tempo. É:, eu fazia há um tempo atrás aí trocou de
15		professor e eu saí, aí agora eu voltei de novo.
16	Anne	Porque voltou o professor ou voltou porque voltou?=-
17	Alice	Não: voltei
18		porque: eu senti falta.
19	Ana	Ah tá. E você tá gostando então? né, se sente falta...e: as suas amigas
20		da escola também fazem <u>aqui</u> o projeto?
21	Alice	Não.
22	Ana	Só a Augusta [que você conhece?
23	Alice	[Só a Augusta. É.
24	Ana	Ah tá.
25	Anne	E as colegas da:./de rua, do bairro fazem também?
26	Alice	Fazem.
27	Anne	Ah é? E aí, o quê que elas fazem/fazem há mais tempo que você, não?
28	Alice	>Fazem<
29	Anne	Fazem há mais tempo? E você veio por causa delas ou >porque/por
30		que você veio pra cá?<
31	Alice	<u>Não</u> , eu no começo eu vim porque eu sou afilhada da Rosângela, aí
32		ela falou que ia começar dança. Aí eu sempre gostei de dança de salão
33		e eu comecei a fazer. <u>Aí eu saí</u> porque trocou de professor. <u>Aí agora</u>
34		<u>eu voltei</u> porque eu senti falta, eu gosto de dançar. ( )
35	Anne	você mora na rua (Z) e estuda aonde?
36	Alice	No Santa Catarina.
37	Anne	Que <u>é</u> no Largo das Neves?
38	Alice	É
39	Anne	Ah, é junto com a Augusta também?
40	Alice	<u>Não</u> , a Augusta estuda num colégio particular que é mais pra (aqui)
41		pra cima.
42	Anne	Ah, entendi. E que/que você acha da escola?
43	Alice	°Chata, né.°
44	Anne	°Chata?° Mas aqui é legal?
45	Alice	É=-
46	Anne	Aqui é legal
47	Alice	Mas lá eu não °acho o ensino muito bom.°



97	Alice	Era
98	Anne	Época de carnaval <u>ainda</u> , então tava cheio de gente?=-
99	Alice	Tava.
100	Anne	E aí?
101 102 103 104	Alice	E aí a gente tava no bloco, eu, minha mãe e o pai dela, aí a mãe dela veio de carro correndo assustada por causa do tiro e chamou ele correndo (.) e foram, não sei se eles conseguiram chegar rápido porque Santa Teresa em época de carnaval fica muito cheio né.
105	Anne	Você gosta do carnaval aqui?
106	Alice	Gosto.
107 108	Anne	E quando não é carnaval, você gosta também ou você acha meio vazio?
109	Alice	É meio parado. ( )
110 111	Ana	aí você fica com medo desses tiroteios que tem porque aconteceu uma bala perdida com a sua amiga, você tem medo de:=
112 113	Alice	não, eu não gosto muito é de sair de casa quando tem tiroteio...
114	Ana	<u>Ah, não tem sempre então</u> , assim?
115 116	Alice	não, ( ) é de época, porque ainda mais agora que os dois maiores morros estão com a mesma facção aí eles não tem tiroteio.
117 118	Anne	ah, aí é mais fácil né? E você vê gente passando com arma ou essas coisas assim?
119	Alice	Não, na minha rua não vê não.
120	Anne	Não? E na escola, quando tem tiroteio, °o que faz°?
121 122 123	Alice	Ah, os pais vão buscar os filhos, só. Quem mora né perto de morro, aí os pais vem buscar com medo ou pede pro filho não/não ir embora, °ficar mais um tempo até se acalmar.°
124 125 126	Ana	E na sua escola também tem gente que é parente assim de bandido, porque a Augusta tava contando aqui, tem gente que às vezes assim é sobrinho do bandido e fica falando, sabe, que é...
127	Alice	é, na escola da Augusta tem uma mas na minha que eu saiba não.
128 129 130	Anne	É, a escola é mais tranqüila né? Parece a sua escola. E deixa eu te falar, >pra você/você falou que é parado<, o quê que você faz, você sai à noite, vai pra outros lugares? Como é que [faz?
131 132	Alice	[não:, eu fico mais em casa ou eu vou pra/prá festa de amigas.
133	Ana	Tem irmã, irmão?
134	Alice	Tenho um irmão.
135	Anne	Mais novo ou mais velho?
136	Alice	Mais velho.
137	Anne	Mais velho? Ele pega muito no seu pé?
138	Alice	Ele é muito ciumento.
139	Anne	<u>Ah é?</u> ((risos)) e como é que é quando você tá namorando assim?
140	Alice	AH, ele fica todo irritadinho.
141	Anne	Mas vocês brigam, não?
142 143	Alice	AH, a gente teve uma época que a gente brigava todo dia mas agora tá mais calmo.
144	Anne	Tá mais calmo? ((risos)) Porque que acalmou? [O que você acha?
145	Alice	[Não sei. Sei lá, acho

146		que a gente mudou um pouco, a gente agora tá se dando melhor.
147	Anne	Você mora com seu irmão, sua mãe e seu pai, não? =
148	Alice	Não, meus pais se
149		separaram.
150	Anne	Ah, separaram. E você mora com o pai ou com a mãe?
151	Alice	Com °a minha mãe.°
152	Anne	Com a mãe, mas vê o pai, não?
153	Alice	°Vejo.°
154	Anne	Ah vê?
155	Ana	E você se dá bem com <u>ele</u> ?
156	Alice	°Dou.°
157	Anne	Ah, °e com a sua mãe?°
158	Alice	°Com a minha mãe também.° Eu me dou melhor com a minha mãe né.
159		Porque eu fico mais com ela e tal.
160	Anne	E seu irmão, se dá bem com sua mãe, com seu pai, como é que é?
161	Alice	<u>Meu irmão</u> não é filho do mesmo <u>pai</u> , mas ele se dá bem com a
162		minha/ ele se dá melhor com a minha mãe, o pai, ele não é muito
163		chegado °no pai dele não. O pai dele bebe° ( ) =
164	Anne	Ah é? ((risos)) Que
165		tipo de perturbação?
166	Alice	É porque o pai dele é meio alcoólatra e tal, e:: (ele não-/não gosta dele
167		não)
168	Anne	E você, que/que acha disso?
169	Alice	Eu acho que ele podia tentar dar mais apoio pro pai dele, pro pai dele
170		tentar melhorar. Pra ele não viver muito pior do que já viveu né.
171	Anne	Tem quantos anos seu irmão?
172	Alice	23.
173	Anne	Ah, é novo também né. ((batem na porta)) Entra!
174	João	((som)) Oi, com licença, vou dar um ( ) =
175	Anne	Tá bom. ((barulho)) °Pronto,
176		continua aí°
177	Ana	Aí:, a gente tava falando do- do pai do seu irmão.
178	Anne	E seu <u>pai</u> , briga com você, como é que é, bebe também, não?
179	Alice	Não, meu pai bebe, mas moderado, mais moderado que o pai do meu
180		irmão. Mas ele é mais tranquilo, ele não/ele: ele deixa muito por conta
181		da minha mãe.
182	Anne	Ah, entendi. Mas seu irmão é: se dá bem, você passa as férias lá com
183		seu irmão, como é que é a relação assim, seu pai, dividir pai e mãe
184		assim?
185	Alice	Ele vem dia de semana pra me vê assim, às vezes eu vou fim de
186		semana pra casa dele, fico lá.
187	Anne	Ele mora aonde?
188	Alice	Ele mora no Rio Comprido ( )
189	Ana	Ah, aí o seu pai casou de novo?
190	Alice	Não.
191	Ana	Ah tá, que eu ia perguntar se você tinha ciúme né. Porque filha
192		geralmente tem ciúme de pai: =
193	Alice	É, eu sinto, mas eu não ligo muito não
194		porque eu não convivo muito com ele.

195	Ana	Ah, você tem mais ciúme da sua mãe?
196	Alice	É
197	Ana	E como é que é isso? Sua mãe namora:?
198	Alice	Namora, mas eu já estou acostumada. O namoro dela ( )
199	Ana	>Separou há quanto tempo? Tem muito tempo que se separou já?<
200	Alice	Já: (.) Tem uns quatro anos.
201 202	Anne	Ah, e como é que foi pra você quando separou, você já <u>era grande né</u> , °então quando se separou?°
203 204	Alice	É, foi/foi ruim (porque) ( ). Mas eles também brigavam muito aí era melhor pra eles.
205 206	Anne	Mas você achou melhor pra eles °porque você acha <u>melhor</u> ou porque agora- agora tá melhorando, >só agora que tá melhorando?°< =
207 208 209	Alice	É, agora eu tô- é:: me acostumando mais assim de relações separado tipo ( ). Porque antes °a gente viveu todo mundo junto.°
210	Ana	Ah: entendi.=
211 212	Anne	Mas aí >se/seu pai se separou da sua mãe e se separou de/perdeu muito/mais contato,< [como é que é isso?
213 214 215 216	Alice	[Não:, <u>é a gente continuou se vendo</u> mas não com tanta freqüência né porque a gente se via todo dia, a gente- a gente <u>conversava</u> , todo mundo sentava junto. °Mas- não mudou muito não.°
217	Anne	Entendi, então no final das contas ficou tudo tranquilo.
218	Alice	É, ficou mais tranquilo, porque antes eles brigavam ( ).
219 220	Anne	= Ah, eles brincavam e que/quando eles brigavam o que você fazia?
221	Alice	AH, eu ficava bem longe. ((risos)) >Depois podia sobrar pra mim.<
222	Anne	<u>Ah é?</u> E quando você ficava perto eles brigavam com você também?
223	Alice	<u>É::</u> , eles ficam nervosos aí começam a °dar patada em todo mundo.°
224 225 226 227	Anne	Ah:, entendi. É coisa de: ser humano né, <o ser humano faz isso.> E deixa eu te falar, você falou que a sua escola é tranquila né? E o bairro você falou que <u>é/é</u> , a Augusta falou também, mas disse (também) que tem muito assalto. Você já foi assaltada?
228	Alice	Não.=
229	Anne	Nunca?= =
230	Alice	Mas eu tenho muitas amigas que foram.
231	Anne	E aí, como foi isso?
232 233 234 235 236 237	Alice	<u>Aí</u> ela, é::- eu tive uma amiga que ela ta-/mora perto do/do morro mas ela tava longe no dia, aí o garoto passou e assaltou, só que ela não sabia se ele tava armado ou não, então ela preferiu entregar tudo, >entregou< celular e essas coisas. <u>Aí</u> todo mundo fica meio que assustado né, ficar andando assim na rua de noite e °ser/ser assaltado.° ( )
238 239	Ana	Mas alguém que você conhece já foi assaltado assim: e o bandido tava com arma: mesmo:= =
240 241 242	Alice	Essa semana passada, disseram que: teve um assalto lá na rua e:: o cara falou que eles puxaram arma pra ele. >Meu irmão< já quase foi assaltado assim °também.°
243	Ana	°É?° E algum caso assim, de ter, alguém ter reagido e (ter)-

244	Alice	( )
245	Ana	As pessoas preferem entregar mesmo sem saber se tá né=
246	Alice	É::, vale
247		mais que a vida né?= Com certeza.- E: a Augusta também falou desse
248	Ana	negócio de facção, <u>aí que uma</u> não pode ir no:: sabe?= Nos lugares
250	Alice	que a outra.=
252	Ana	É, e você tem muitos amigos que são tipo da outra
253		facção?
254	Alice	Eu tenho muitos amigos que moram em morros separados, aí é meio
255		difícil de conviver. >Tem que conviver assim< <u>tipo</u> indo pro
256		shopping, porque a gente até, tipo, eu tenho umas amigas, lá na
257		escola, >é muito dividido essas coisas,< então todo mundo é amigo de
258		todo mundo, só que aí: <u>ah</u> , você pode ir na minha casa porque mora
259		no lugar tal, não pode ir na/na casa do outro porque mora no outro
260		lugar, aí tem que conviver mesmo saindo assim, [indo pro shopping=
261		[Pode ser longe <u>né</u> ,
262	Ana	não pode ser [ <u>aqui</u> ]. Aqui uma não pode=
264	Alice	[É ] É porque às vezes os bandidos olham e pensam
265		que:/ que a gente (tá) conspirando e tal.
266	Ana	E:: você acha que- <u>isso</u> >atrapalha muito,< que: interfere assim?= É,
267	Alice	eu acho ruim por causa que pô, as pessoas não tem seu °livre-arbítrio,
268		não podem ir e vir e tal°. <u>Ah</u> , eu quero ir na casa da minha amiga só
269		não posso porque ela mora num morro diferente do meu e tem outra
270		facção ( )
271		
272	Ana	Porque eles meio/eles controlam né, então <vocês têm que fazer de
273		acordo com eles>. Entendi. E:: <u>a polícia</u> ? Tem polícia aqui perto, eles
274		não tomam conta, não ligam pros assaltos, ninguém faz nada?= <u>Ué</u> ,
275	Alice	<u>chama</u> a polícia, mas não muda muito, fica assim um tempo:: sem
276		assaltar: e <u>aí</u> daqui a pouco volta: tudo de novo. ( ) porque a polícia
277		também não ta dando muito jeito aqui em cima.
278		
279	Ana	É, se a polícia não tá dando jeito, você acha que: tem jeito?
280	Alice	<u>Não</u> , eu acho que eles tinham que arrumar um plano melhor para
281		redividir mais as viaturas, (controlar-) controlar mais os assaltos.
282	Ana	Você acha que se °acabasse esses assaltos° e o tráfico: e facção, você
283		acha que ia ser melhor?
284	Alice	<u>Acho</u> - acho porque até- tem muitas pessoas que estão morrendo por
285		causa do °vício, não acho legal.°
286	Anne	°(O que você acha dessa relação do tráfico com os viciados e com
287		bairro?)°
288	Alice	Acho isso ruim porque ( ) os viciados por terem esse vício acabam
289		acabando com a sua própria vida e tentando acabar com a dos outros
290		né. >Porque tipo eles começam a <u>assaltar</u> também< pra ter/ pra
291		comprar <u>as drogas e tal...</u> aí:: eles acabam mexendo com a vida das
292		outras pessoas também.
293	Anne	E o que que você acha das drogas?

294	Alice	( ) Não vejo graça, não vejo sentido pra essa vida.
295 296	Anne	E o que você acha das pessoas de fora <u>daqui</u> que vem <u>aqui</u> pra comprar/prá usar ( )?
296	Alice	>Maluco.<
297	Anne	((risos)) É uma definição <u>ótima</u> . Curta e grossa. ((risos))
298 299 300	Ana	E você acha que assim boa parte das pessoas que moram: aqui perto, não sei, por terem mais facilidade- acabam se viciando ou: você acha que vai muito de cada um?
301 302 303 304 305 306	Alice	É:: vai muito de cada um...tipo, tem gente que mora no morro que <u>hoje em dia</u> tá muito- influenciado por esses negócios de ah, quero virar bandido °e não sei o que°. É vai/cada um tem a sua personalidade, (quem tem um pensamento forte) não vai entrar nessa, vai ver que isso não é vida. Porque até a vida de bandido não dura nem trinta anos- daqui a pouco eles morrem.
307 308	Ana	E você conhece alguém que é assim:? (.) >Porque você falou que tem gente que tem vontade né< de- você conhece alguém que=
309 310 311 312 313 314	Alice	> <u>Ah</u> lá na escola eles vivem falando< ah, se eu repetir mais um ano, eu viro bandido, não vejo graça. Vai virar bandido pra que? É uma vida que °(é) pouco, não vai durar nem cinco anos.° >Primeiro que eles não sabem nem mexer em arma, aí vai mexer e vai dar um tiro em si mesmo.<
315	Ana	Entendi, então tem menino da escola, <amigo, assim que fala?>
316	Alice	Tem um <u>garoto</u> lá da escola que <u>já</u> - que falou e virou.
317	Anne	°Virou? Ele é da escola?°
318 319	Alice	<Saiu. Porque ele também já está com a cara marcada,> °então ele não pode ficar muito° ( )
320	Ana	E <u>as meninas</u> ?
321	Alice	É:: os <u>policiais</u> já sabem quem são eles.
322 323 324	Ana	E as meninas, elas também falam °alguma coisa assim ou-° <u>ah</u> , tem mais homem né que se envolve:, mas também tem menina que quer namorar bandido
325 326 327	Alice	É::deve ter, eu não conheço nenhuma assim/nenhum caso assim de que namorou com o bandido mas >elas (mesmo) elas mesmo querem também por causa do dinheiro fácil né?<
328	Ana	Mas nenhuma amiga sua nunca falou né?
329	Alice	(Não)
330	Anne	<É isso Alice, quer perguntar alguma coisa?> <u>Brigada</u> , viu?
331	Ana	Brigada.
332	Anne	Boa sorte lá no bairro, tomara (que dê tudo certo). ((risos))